

Mar Morto e guerra perpétua



JOSÉ SARNEY
Senador do Amapá
pelo PMDB, foi
presidente da
República

Amã. Vale do Jordão. Mar Morto. Estamos aqui reunidos, membros do Conselho Mundial de ex-presidentes e experts do mundo inteiro, para discutir a Questão Islâmica, o Oriente Médio, o Iraque e a questão nuclear iraniana.

É um espaço para uma reciclagem e exame da situação do mundo.

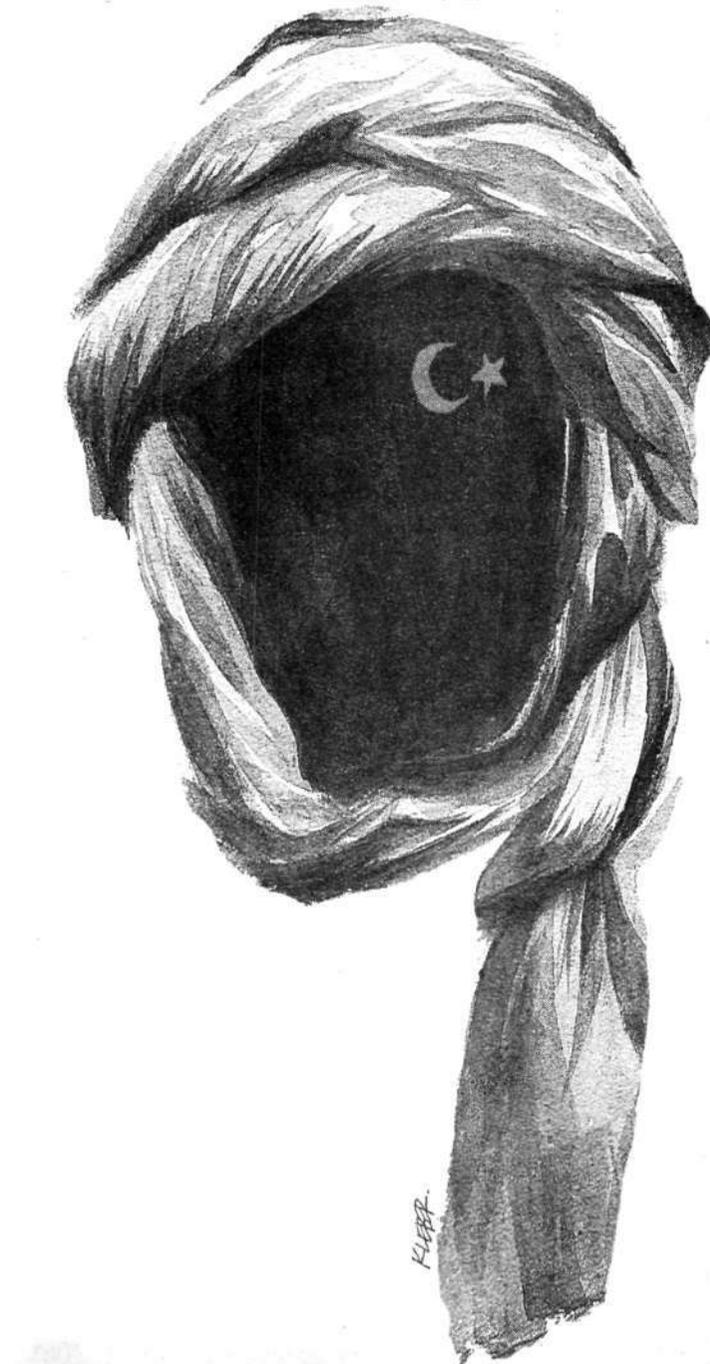
Uma unanimidade é a constatação de que o Ocidente — os Estados Unidos — errou em todas as táticas e estratégias usadas para a região.

Senão vejamos: estimulou e armou o Iraque para sua guerra contra o Irã, que durou oito anos, e o resultado foi perder o Iraque para Saddam e construir o problema para o qual até agora não é vista saída.

Depois, quando as nacionalizações petrolíferas do Irã iam de vento em popa, usou Khomeini, acolheu-o na França, ajudou-o e ele derrubou o Xá, estabeleceu o Estado teocrático xiita do Irã, inimigo jurado do Ocidente.

No Líbano, para ajudar Israel na guerra do país, entre sunitas, xiitas, druzos, maronitas, árabes e muçulmanos, ajudou a gestilha do Hezbollah e hoje este é o partido radical do Líbano.

Na Palestina, para enfraquecer a liderança de Arafat entre os radicais, ajudou o Al-Fatah a montar a Autoridade Palestina e exigiu que se fizessem eleições livres. Arafat aceitou. Ganhou, agora, o Hamas e o Ocidente não aceita, porque o Ha-



mas é o mais radical de todos os inimigos de Israel.

Assim, o panorama atual é

que a melhor e pior solução é um Iraque xiita e teocrático. Os Estados Unidos precisam sair

do Iraque sob pena de mergulhar no corredor que levou à derrota no Vietnã.

Mas os Estados Unidos não podem sair do Iraque, já mergulhado em plena guerra civil, entre nações e religiões.

A questão base de tudo, Israel versus palestinos, é insolúvel. É milenar e continuará a ser. Como buscar a paz? Ela está distante. Os Estados Unidos continuaram-se nos garantes da continuidade do conflito e mostraram que as guerras modernas não foram feitas para solucionar problemas e sim para eternizá-los.

Deng Xiaoping disse-me em 1988 que o Ocidente não conhece o tempo. Essa é uma questão que só o tempo resolverá.

Pergunto a líderes árabes como Makhzoumi, político e grande empresário, qual a solução. São fatalistas e me respondem:

“Já fomos ocupados, mortos e trucidados por gregos, romanos, otomanos, ingleses, franceses, agora americanos e israelenses. Todos passaram. Todos vão passar. Não podemos sair destes áridos desertos sagrados. Ali está Jerusalém. De lá saíram para o céu o Deus cristão e o profeta Maomé. Ambos ressuscitaram de Jerusalém.”

“Não podemos mudar o passado nem o futuro.”

“Muros para evitar a primeira fórmula para evitar guerras: Muralha da China, muralha de Jerusalém, Muro de Berlim, muro de Israel. Todos caíram. Este vai cair também.”

Quando?, é minha pergunta. “Quando for inútil.”

Esse é o sentimento árabe que se junta a um ressentimento contra o Ocidente.

No mais, estão vivendo. Em cidades limpas, sem pichações, onde não se vê a guerra senão na TV e nos jornais.